

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Manuel Pereira de Sousa Albano

registada em 2008-09-19
por

Susana Pires e Cláudia Simões

Manuel Pereira de Sousa Albano

Manuel Pereira de Sousa, mais conhecido por Manuel Albano, nasceu em Chãs d'Égua, a 15 de Março de 1939. O pai chamava-se Albano Sousa e a mãe Ana Freire. O pai foi trabalhar como serralheiro para a CUF. E a mãe trabalhava no campo “para ver se conseguia sustentar os filhos”. Eram seis a trabalhar, cinco filhos e a mãe. Manuel fez a segunda classe em Chãs d'Égua, depois a professora foi-se embora e não acabou a primária. Com 14 anos, saiu de Chãs d'Égua e foi concluir a quarta classe em Lisboa. A partir daí fez a vida por Lisboa. Foi para uma oficina de sapateiro, aprender de sapateiro. Esteve lá seis anos, mas não era aquilo que queria. Foi para a tropa em 1960 e esteve em Angola até 1964. Quando veio da tropa foi para a CUF. Começou a trabalhar na fábrica do sabão. Passou para a Lisnave e foi lá que se reformou. A sua profissão era serralheiro. A esposa conheceu-a em Lisboa, nos piqueniques. Chama-se Cidália. Casaram e tiveram dois filhos, um rapaz e uma rapariga.

Índice

Identificação Manuel Albano.....	4
Ascendência Albano Sousa e Ana Freire.....	4
Educação Longo caminho a pé e sopa na marmita.....	5
Infância Entre o trabalho e as brincadeiras.....	5
Casa "Pequena para tanta gente".....	6
Religião "Por obrigação".....	7
Namoro Nos piqueniques.....	8
Casamento "O beijinho de casamento".....	9
Percurso profissional Sapateiro aos 14, reformado aos 60.....	9
Costumes Chãs d'Égua de outrora.....	10
Lugar Chão e éguas.....	16
Quotidiano Entre os biscates, a televisão e a leitura.....	21
Avaliação Uma coisa gira.....	22

Identificação *Manuel Albano*

O meu nome é Manuel Pereira de Sousa, mas sou mais conhecido por Manuel Albano, porque o meu pai chamava-se Albano. Nasci em Chãs d'Égua, a 15 de Março de 1939.

Ascendência *Albano Sousa e Ana Freire*

O meu pai chamava-se Albano Sousa e a minha mãe Ana Freire. O meu pai era de Chãs d'Égua e a minha mãe era de uma terrazinha em baixo, que não vive lá ninguém, chamado Pés Escaldados. As pessoas morreram e os outros foram-se embora. Foi aí que eu nasci. A verdade foi assim. Mas sou de Chãs d'Égua à mesma. É só por dizer que nasci num lugarzito mais abaixo.

O meu pai foi trabalhar para uma empresa, em Lisboa, a CUF, que depois passou para Lisnave. E a minha mãe trabalhava no campo para ver se conseguia sustentar os filhos. A terra era muito pobre porque produzia pouco. Nós éramos seis a trabalhar, cinco filhos e a minha mãe seis, e ao fim e ao cabo, o que a gente produzia não dava para comer para todo o ano. Era a batata, o feijão e o azeite. Vinho, havia pouco. Se não fosse o meu pai a ganhar o dinheiro e a mandar para a aldeia, para sustentar os filhos, a miséria seria pior.

O dinheiro era trazido por alguém que viesse à aldeia. Mandavam uns pelos outros. Quando isso não acontecia mandavam numa carta. Naquela altura era um risco. Podiam ficar com a carta, mas também não adivinhavam que lá havia dinheiro. Ainda havia mais seriedade do que há hoje.

Na CUF, o meu pai era serralheiro. Vinha a casa de ano a ano. Nessa altura não havia as possibilidades que há hoje, de virem todos os fim-de-semanas. Naquela altura não, porque havia pouco dinheiro. As viagens eram caras e, naquela época, a camioneta vinha para a Vide. São 11 quilómetros e meio de Vide para Chãs d'Égua. E nós íamos lá esperar o meu pai, quando ele trazia as mercearias e essas coisas. Era um miminho para ajudar os filhos. Mas era longe. E também lhe custava ir a casa. Mas ele gostava porque tinha os filhos e a mulher.

A minha mãe faleceu, tinha eu 7 anos. Tenho um irmão mais novo que ficou com 3 anos. Uma diferença de quatro anos que temos em relação um ao outro. E do resto dos meus irmãos temos uma diferença de dois em dois anos cada um. Também uma irmã minha, que é a mais velha, faleceu quando eu estava no Ultramar, em 1961. E depois faleceu o meu pai em 1964.

Educação *Longo caminho a pé e sopa na marmita*

Quando frequentei a escola primária, havia 40 e tal alunos. Fiz a segunda classe em Chãs d'Égua, depois a professora foi-se embora e nós, para fazer o exame da segunda classe, tivéramos de ir para uma terra chamada Malhada Chã. Íamos a pé, subíamos a serra, passávamos para o outro lado, todos os dias. Demorávamos duas horas. Íamos de manhã e vínhamos à tarde. Durante três meses, para fazer o exame da segunda. E, naquela altura, andávamos bem. Éramos novos. O pior era quando chovia, chegávamos todos molhados. Enxugávamos a roupa no corpo. Isso é que era pior. Levávamos comida. Broa com queijo. Às vezes com um bocadinho de carne. Outras vezes levávamos uma sopa dentro de uma marmita. À tarde regressávamos pelo mesmo caminho. Depois fomos fazer o exame numa terrazita, que é Sobral Magro.

Não acabei a primária porque a professora foi-se embora. Nessa altura, não havia estradas, nem luz, nem telefone. E então elas não se sentiam bem na aldeia. A minha professora era da Figueira da Foz. Era casada e tinha três meninas. Foi passar férias à terra e ficou por lá. Nunca mais apareceu. Conclusão, saí de Chãs d'Égua tinha 14 anos e fui concluir a quarta classe em Lisboa. Fiz a minha instrução primária. A partir daí fiz a minha vida por Lisboa.

Infância *Entre o trabalho e as brincadeiras*

Trabalhos à luz de um candeeiro

Quando vinha da escola ainda ia trabalhar. Quando estive na escola em Chãs d'Égua, tinha de ir primeiro buscar um molho de mato, depois é que ia para a escola. Acabava a escola, íamos almoçar ao meio-dia, meio-dia e tal, depois íamos fazer a tarde. Saíamos às cinco horas. Mas ainda ia ter com as minhas irmãs, onde elas andassem a trabalhar, na fazenda. E à noite é que fazia os trabalhos da escola, à luz de um candeeiro a petróleo, porque não havia luz. Mas não se podia estar muito tempo aceso porque gastava muito. Também havia umas candeias de azeite, mas isso dava pouca luz.

Puxar pela imaginação

Também brincava, não tanto com as irmãs, mas brincava com os outros miúdos. Naquela altura havia muito miúdo. Nós é que fazíamos os nossos brinquedos porque não havia dinheiro para brinquedos. Fazíamos o pião, os arcos. Brincávamos com o arco a ver quem chegava primeiro. Chamavam-lhe uma gancheta. Um arame. E havia lá um que tinha mais imaginação, fazia outras coisas. Jogávamos à bola. Também não havia sítios para jogar à bola. Era aos pontapés nas canelas. Brincávamos nos intervalos da escola. E ao sábado e ao domingo.

"Uma autêntica dona de casa"

Quando a minha mãe faleceu, eu tinha uma irmã com 16 anos. Então ela é que ficou a tomar conta da casa. E tinha uma avó que a orientava. A minha irmã com 16 anos era uma autêntica dona de casa. Ela administrava o dinheiro, que era pouco, mas era o dinheiro que o meu pai mandava. Se precisávamos de uns sapatos, ela:

- "Sapatos, tu agora só vais levar uns sapatos daqui a tantos meses."

Era quando houvesse. Agora vai para aquele, e depois era para outro. Nós éramos cinco irmãos e não havia possibilidade em haver sapatos para todos. Portanto, os mais pequenos eram os que andavam sempre pior. Só a partir dos 5, 6 anos é que eu comecei realmente a ter calçado. Ela era uma grande administradora. Ela é que aprendeu a fazer o queijo, a fazer a broa, a fazer os enchidos. Ela era uma autêntica dona de casa, aquela rapariga.

Casa "Pequena para tanta gente"

Era uma casa pequenina. Dormíamos sempre dois juntos e quando cresciam iam para outra sala. A minha mãe e o meu pai tinham uma espécie de um apartamentozito onde eles tinham a cama, onde dormiam. A casa era relativamente pequena, era pequena para tanta gente, mas conseguia-se tudo criar. No Ultramar havia as cubatas, lá chamam cubatas, nas senzalas. E nós de manhã quando passávamos pelas cubatas víamos de lá sair, às vezes, às dez e aos 12 daquela cubata, pequenininha. Eles conseguiam dormir lá todos, numa cesteira.

Na minha casa, cozinhava-se tudo a lenha. Tínhamos um banco pregado na cozinha, um banco corrido, e nós estávamos ali. O meu pai tinha o lugar dele, que era um lugar sagrado. E nós não tínhamos lugar, era o que calhava. E comíamos aí na cozinha, a sopa. Usava muito a sopa de feijão com a hortaliça. E cada um comia na sua tigela. E quando era o conduto, as batatas com peixe ou bacalhau, comíamos todos da mesma bacia. Cozinhava-se numa panela de ferro. Que por acaso até era mais gostoso. Era em ferro fundido. Ainda existem essas panelas. E eram umas panelas de barro também. Mas a panela de barro partia-se muito, era mais barata mas partia-se muito. Quando tinha pouca água, estalava e pimba, lá ia tudo embora. E a panela de ferro aguentava-se. Também havia uma tábua na cozinha, que tinha uns furos e a trempe ia para baixo ou ia para cima, conforme aquilo que a gente quisesse. Punha o tacho e a água aquecia ali. A panela de ferro encostava-se ao lume.

Não tínhamos casa de banho. Tínhamos uma fossazita ao ar livre. Punham o estrume por cima e aproveitavam aquilo para o adubo das couves.

Criávamos um porco que ficava ao lado da casa. Era um porco por ano. E tínhamos cabras e tínhamos ovelhas, mas poucas. Não podíamos ter muitas. À volta de seis cabras e seis ovelhas. E tínhamos galinhas também. O que safava eram as galinhas, os ovos que davam. Era a única maneira de sobrevivência. A gente trabalhava para a sobrevivência.

Religião "*Por obrigação*"

"Fiz tudo"

Eu andei na catequese. Quando era miúdo fiz a Primeira Comunhão, a Comunhão Solene, e fui crismado. Fiz isso tudo. Era uma coisa obrigatória. Não podia ser de outra maneira. Hoje os filhos vão se quererem. Naquela altura não. Era por obrigação.

Na catequese tínhamos uns seminaristas, mais pela altura do Verão, tínhamos três seminaristas que andaram no seminário da Figueira da Foz, que vinham passar férias. E eles é que eram os catequistas do pessoal. Há um que se formou em padre. Está na Moura, que é o padre António da Conceição. Os outros desistiram, na altura. A única maneira de se estudar era ir para um seminário, para tirar um curso superior, senão não podiam. Naquela época, eles iam para lá, mas tinham de sair padres. Se não saíssem eles cortavam-nos. Houve um lá do Piódão, que o padre embirrou lá com o pai dele, porque o padre é que o pôs no seminário, e tirou-o. Tirou-o e ele teve de ir para Salamanca para tirar o curso superior. Era

doutor de Económicas e Financeiras, que era o curso do Salazar. Foi proibido de tirar o curso em Portugal. Era o poderio daqueles padres, de antigamente. Esse rapaz depois foi também para o Ultramar. Hoje está numa Caixa Geral de Depósitos, em Setúbal. E o outro rapaz, esse não seguiu. Foi para Moçambique, para ter uma vida boa, mas aquilo correu mal quando foi a descolonização e hoje está para Lisboa também. Mas ficaram com conhecimentos. Que foi aquilo que os outros não ficaram.

Iam todos à igreja

O domingo era sagrado, não se trabalhava. Toda a gente tinha que ir à missa de manhã. Os pais assim obrigavam porque foram criados na religião. E os filhos também tiveram de seguir a mesma religião dos pais, evidentemente. Antigamente, os padres eram muito rigorosos e exigiam que as pessoas fossem à missa. Era quase como uma obrigação. Hoje já não é assim. Hoje as pessoas só vão se querem, mas antigamente não. Obrigavam mesmo a ir. E se algum não fosse, era excomungado. E perguntava o padre:

- "Então e fulano tal?"

Às vezes quando encontrava as pessoas.

- "Então e fulano tal não está cá?"

- "Ah ele não pode vir, foi buscar o pai."

Ou foi a qualquer lado, lá lhe davam uma desculpa. Às vezes até podia estar doente e não ia. Mas ele dava logo falta. Perguntava a outro, via-os lá e perguntava:

- "Então fulano tal?"

Também não deixava as pessoas dançar. Não deixava dançar os rapazes com as raparigas. Isso era um escândalo. E se às vezes, faziam aqui um baile, vinham logo os pais:

- "Menina vai já para casa que eu não te quero aí."

E, às vezes, até andavam à porrada, os pais a dar porrada aos filhos por causa disso. Houve um padre que esteve aí que só esteve atrasar isto. Atrasou ainda mais. Mas já passou. Ele também já morreu.

Namoro Nos piqueniques

A minha esposa conhecia-a em Lisboa. Chama-se Cidália. Ela é sobrinha de uma tia minha. E foi por aí que eu a conheci. Em Lisboa, antigamente, fazia-se muitos piqueniques, hoje já não é tanto. E então foi lá nos piqueniques, encontrávamo-nos lá, dançávamos, lá ia o acordeão a tocar, e a gente dançava.

Comecei a ganhar conhecimentos com ela e casámos. Casei quando vim da tropa, e tivemos dois filhos. Tenho um rapaz com 48 anos e uma rapariga com 42. Tenho um neto com 22 anos, que anda a tirar o curso de Engenheiro de Electrónica, em Setúbal. E o meu núcleo familiar é este.

Casamento "*O beijinho de casamento*"

O dia do meu casamento, não foi casamento nenhum porque eu casei por procuração. Eu quando estava na tropa, fiz o meu filho à minha mulher, que ainda não estávamos casados. E, naquela altura, quando eu fui para o Ultramar, o Comandante disse que se eu quisesse casar que não tinha problemas, que mesmo por ir embora que casava. Ele já sabia que eu tinha um filho. Eu tinha posto na minha ficha. Como eu já não estava em Portugal, ele tratou disso tudo, por intermédio de um padre lá de Lisboa. E então conseguiram fazer o casamento por procuração. Assinei os papéis da procuração, estou casado. Estou legal, casado pela Igreja. Não fui à igreja, mas estou casado pela Igreja.

Todas as semanas tínhamos uma carta. Ela escrevia-me e eu escrevia. Quando eu vim é que lhe dei um beijinho. O beijinho de casamento. Então, fomos viver para a casa de uma avó da minha esposa, até arranjar emprego na Lisnave. Depois arranjei o emprego e é que fui, que ainda hoje lá moro, para a Cova da Piedade.

Percurso profissional *Sapateiro aos 14, reformado aos 60*

Aprendiz de sapateiro

Fui para Lisboa aos 14 anos, para uma oficina de sapateiro, aprender de sapateiro. Estive lá seis anos, a ganhar 45 escudos por dia. Mas não era aquilo que eu queria, nunca lá estive de grande vontade. Fui por causa do meu pai, que quis pôr-me ali. Eu ainda era menor, tinha de obedecer àquilo que ele me dizia. Mas depois comecei a ver e tal e:

- Ah não é isto que eu quero!

Eu estava à espera de ir para a tropa, que era para depois mudar de profissão. E assim foi.

O sonho da Lisnave

Fui para a tropa em 1960. E estive em Angola até 1964. Quando vim da tropa fui para a CUF. Comecei lá a trabalhar na fábrica do sabão. Que a CUF tinha muita coisa. Tinha sabão, tinha óleos, tinha farinha. Tinha e tem. Ainda tem as empresas. Naquela altura, em 15 dias ganhava 850 escudos, portanto, ao fim do mês eram 1700.

Na Fábrica do Sabão, houve uma ocasião em que saiu uma marca de sabão, o Clarim. Quando saiu esse sabão eu estava lá. Aquilo era feito, vinha por uma tela abaixo, e nós estávamos ao fundo da tela a apanhar os sabões e a meter nos caixotes. Depois era fechado e ia lá para as paletes. Eram para exportar. Aquilo teve uma saída que foi uma coisa desconforme. Mas estive aí poucos meses.

Como a CUF estava agregada à Lisnave, passei para a Lisnave e foi lá que me reformei. Depois lá tirei diversos cursos. Foi onde ganhei o meu salário, a trabalhar como serralheiro. A minha profissão é serralheiro. Ganhava o mesmo que na fábrica de sabão porque era da mesma empresa. Depois é que foram aumentando, aumentando. Tinha prémios e trabalhava aos sábados e aos domingos. Aí é que se ganhava bem. Pagavam a 300% as horas. Por fim eu chegava a ganhar num sábado, 30 contos. Era muito dinheiro. Há quase dez anos. E depois reformei-me. Houve uma altura que deram uma *chance* a quem se quisesse vir embora aos 60 anos, e eu aproveitei e vim embora. Reformei-me com 60 anos.

Costumes Chãs d'Égua de outrora

Trabalho de mulher

Em minha casa fazíamos queijo, e fazíamos a broa. Eram as minhas duas irmãs que faziam esse trabalho. Era mais trabalho das mulheres. Eu nunca me meti nisso, mas sei como é que se faz. Os enchidos também sei fazer.

Havia trabalhos que as mulheres não conseguiam fazer. Por exemplo, cavar. Antigamente, em Chãs d'Égua as terras não eram lavradas, era tudo cavado e então juntavam-se equipas de homens, de por exemplo, quatro homens, seis homens e cavavam.

Também não havia dinheiro. Trocavam o trabalho de uns pelos outros. Compensavam. E faziam as sementeiras. Quem não tivesse homem em casa compensava de outra maneira. As mulheres iam ajudar a semear o milho. Não havia dinheiros naquela época. As pessoas faziam a agricultura entre as pessoas amigas. Era tudo amigo antigamente. Hoje já não são tão amigos. Hoje já não são tão amigos porque antigamente não havia dinheiro. Viviam todos mal. Hoje já vivem bem, já dizem:

- "Ah eu não preciso daquele para nada! Para mim está tudo bem."
É a diferença.

Azeite puro

Antigamente tudo era melhor. A comida, por exemplo, só para dar uma ideia, fazia-se um prato típico, que de típico não tem nada, que era cebola, refogava-se a cebola e depois de estar refogada punha-se lá o feijão. Se uma pessoa está a fazer isso numa casa, eu vinha na rua e dizia:

- Olha estão ali a comer feijão com cebola.

Eu sabia. Era um cheirinho que era do azeite. O azeite era puro. Uma coisa que havia bastante era oliveiras. Oliveiras e castanheiros. Era uma coisa que ainda havia. E aquilo dava pouca despesa. Era só cavar e tratar das oliveiras. Mas hoje já não. Hoje o azeite já não tem o gosto que tinha antigamente. Não sei, mas é verdade. Por exemplo, a carne salgada faz mal. Naquela altura faziamos algum mal? Éramos miúdos e faziamos mal? Faziamos mal se comêssemos muita, mas nós comíamos pouca. Era assim. Nunca fazia mal.

Castanhas no caniço

A castanha quando era a época dela, como era muita punha-se no caniço. O caniço são umas ripas com umas ranhurzinhas que é para entrar o calorzinho da fogueira, na cozinha. E punha-se lá as castanhas. As castanhas com o tempo ficam secas, a casca. Descascam-se. Essa castanha servia depois para a alimentação. Cozidas ou depois fazer a sopa de castanha, com arroz. Era uma ajuda da alimentação. Porque antigamente havia muita castanha. Depois púnhamos no chão e com os pés, "qrrr qrrr qrrr". Era a mesma coisa que essa geadá negra. E havia outra que hoje não se vê.

Quando havia as águas que caíam, por exemplo, num combro ficava assim aqueles caramelos. O gelo. O bico com a água a cair, ficava aquilo. E hoje já não fica isso. Se deixasse aí um bocado de água num lado qualquer, no outro dia parecia vidro que estava ali. Isso ainda acontece na Serra da Estrela, na Lagoa

Comprida, que chegam a andar de bicicleta por cima. Porque fica gelada mas com uma camada boa de gelo. Não é pouco. É muito gelo porque ela nunca derrete. De noite e de dia, está sempre lá.

Nessa altura em que nevava tínhamos gado. Não podiam sair. Mas tínhamos o pasto no palheiro. Tínhamos de trabalhar para isso. A rama do milho, ficava no palheiro, que era para nessas alturas que não se podia ir com o gado, eles comiam disso. Chamavam comer a seco. Estávamos desejosos que a neve passasse para irmos com elas para o pasto. Que elas gostam de verduras, não gostam de muito seco.

Um dia de festa

As matanças era mais ou menos em Novembro, Dezembro. Como as famílias eram grandes, todos tinham um porco na loja. Então ajudavam-se uns aos outros a matar o porco. Aquilo era muita gente. Era um dia de festa, para a família, para a casa. E para os vizinhos. Comiam-se os torresmos, o sangue e comia-se um bocadinho de carne.

Conservas, a sardinha e os ovos

Para conservar a comida havia uma queijeira. Uma queijeira é um armário que tinha uma rede, que era para não entrar para lá os mosquitos. Para a broa tínhamos uma arca. Púnhamos a broa dentro da arca. E o milho era acumulado ali também. A batata era metida num sobrado, lá num palheiro. As cebolas eram embaraçadas e penduravam-se. O feijão também estava numa arca. Era tudo assim. A carne era numa salgadeira. Não havia frigoríficos. Aquilo era cortado, o porco era desmanchado, o presunto ficava ao lado.

O presunto era para vender, para depois comprar o porco a seguir. O dinheiro daqueles presuntos era para comprar o porco. Nós comíamos era o resto. Eram as pás, a carne. Era um bocadinho de carne para a sopinha. Ajudava a adubar a sopa e era um bocadinho para cada um. Quanto ao peixe, era mais bacalhau, mas também não era assim uma abundância. Era o bacalhau e havia a sardinha salgada. Quando chegava ao consumidor vinha salgada. Ela vinha da Figueira da Foz, era lá salgada e depois era distribuída por aí fora, não havia gelo naquela altura. Vinha em caixotes de madeira. Vinham umas senhoras a pé. Há uma feira na Vide, que é uma vez por mês. E então vinham lá vender a sardinha. E uma vez por outra até aparecia aí uma mulherzita, de terra em terra, com aquilo às costas. Era um sacrifício, para ganhar um tostão.

Até ainda há outra, quando eu fui criado, havia um grupo de mulheres que andavam a comprar ovos por essas terras fora, Soito da Ruiva, Pomares, traziam tudo numa cesta. Chegavam a Chãs d'Égua, estavam dois dias, e iam vender os ovos para a Covilhã, à cabeça. Os ovos se elas se descuidassem, se dessem alguma topada com o pé, caíam ao chão, partiam os ovos. Elas tinham de ir com muito cuidadinho. Tinham de dormir no caminho para chegarem à Covilhã ao outro dia. Saíam de madrugada, dormiam no caminho, depois chegavam já tarde ao outro dia, e depois tinham de fazer o regresso com meia dúzia de tostõezitos que ganhavam naquilo, que não dava nada. Realmente, eram negócios. Era negócios para esquecer. Era assim a sobrevivência das pessoas. Outras vezes levavam frangos, franguitos pequenitos. Se morria um pelo caminho, lá se ia o lucro embora, o ganho. Era complicado.

As festas de outrora

O padroeiro da minha terra é São João Baptista. Depois temos a Senhora de Fátima, a Senhora do Carmo, temos a Senhora das Febres, há aí umas quatro ou cinco santas. As festas são muito concorridas e o pessoal é muito bairrista.

Eu gosto muito das festas. Quando é na altura de Agosto, na penúltima semana, o pessoal vem todo para a aldeia. Temos o salão, com um bar. Em baixo há uma sala, que é a sala de jogos e há uma sala que é para o médico. Antigamente a festa era mais concorrida, as procissões tinham mais impacto, porque tinham muita gente. Hoje as procissões são pequenas, tem pouca gente, mas mesmo assim conseguem manter a tradição. Porque vem cá a música assistir às procissões. As pessoas ainda estão enraizadas no passado. Ainda não perderam as raízes de origem. A juventude de agora vem a Chãs d'Égua, está um grupo de cinco ou seis jovens, se houver um que começa a ir embora, os outros começam logo a ir, não querem ficar porque isto aqui não tem condições. Não há discotecas, não há nada. Café só ao cimo da povoação e não está sempre aberto. Só abre das dez horas até às seis da tarde. Evidentemente que a juventude não quer ficar.

A alegria do padre

Quando se junta mais gente em Chãs d'Égua é na Páscoa. Ainda cumprem a tradição de antigamente. Levam a cruz às casas, mas como o padre já está velho e não pode ir, então manda o leigo. E as pessoas visitam as casas uns dos outros. Há sempre um envelope para o padre. Dizem que é para a Igreja. Não sei se é para o padre ou se é para a Igreja. Cada um põe lá o que quer. Mas antigamente,

na Páscoa, as pessoas não tinham dinheiro, isto quando eu fui criado, e como não tinham dinheiro, punham o que havia. Punham um queijo, punham meia dúzia de ovos, depois algum que tivesse mais carne, punha lá um chouriço. E era assim que se pagava. Quando o padre vinha a casa levava isso. Dinheiro lá aparecia de vez em quando. Lá punham cinco escudos. O padre não via nada na bandeja levantava a cabeça, via lá cinco escudos, era uma alegria, ficava todo contente.

À volta do cepo

No Natal fazia-se uma grande fogueira, com um cepo grande. A malta, naquela altura, tinha muita força e trazia um cepo. No largo junto à taberna punham o cepo a arder durante dois dias. Depois punha-se outra lenha. Naquela altura, toda a gente matava o porco, em Chãs d'Égua. Então iam à casa das pessoas e:

- "Vá dá cá um chouriço!"

Outro:

- "Dá cá um bocadinho de carne!"

Outro:

- "Dá cá uma cebola!"

Coziam tudo numa panelona, numa panela grande. Depois as pessoas tinham vinho, alguns mais do que outros. Então:

- "Dá cá 5 litros de vinho!" ou "Dá cá 1 litro de vinho!"

Juntava-se ali toda a gente a comer. Chouriço, carne, era o que havia. Bebiam o vinho. Havia pão, broa, naquela altura era broa. E era assim o Natal. Hoje as pessoas não vêm para Chãs d'Égua porque é uma época de muito frio. Então já não cumprem a tradição. Vem um ou dois, mas normalmente o Natal é passado com a família. Passa-se em casa. Mas antigamente era assim. Juntavam-se todos. Tudo comia e tudo bebia. Também havia a missa mas era no Piódão. Davam lá o Menino Jesus a beijar, às pessoas. Ainda me lembro, eu era miúdo e eu ia lá. Nós íamos a pé. Às vezes a chover, muito frio e nós tínhamos de ir. Éramos obrigados a ir, não podíamos dizer que não.

"Era uma brincadeira"

No magusto junta-se o pessoal todo, põe-se uma camada de caruma por baixo, põe-se a castanha por cima e depois põe-se outra camada de caruma por cima. Deita-se lume e a castanha assa. Depois cada um tira lá do monte. Bebe um copo. E é assim. Às vezes arranja-se uma chouriça. Assa-se lá, umas entremeadas. É um dia de convívio. Também era assim antigamente. Mas em

maior escala do que agora. Havia as brincadeiras do costume. Lembro-me de uma. Havia um sítio que era onde a gente se concentrava, que a gente chamava de eira. Era onde a gente malhava o centeio. E então aí é que faziam os bailes, quando havia bailes. E brincava-se também ao lenço. Faziam uma roda, tinham um lenço e as pessoas não podiam olhar para trás. Quando davam por ela estava o lenço atrás dela e essa era metida dentro da roda. Era uma brincadeira.

O Betadine do campo

Antigamente, tínhamos um senhor no Piódão que chamavam-lhe o barbeiro, que era o curandeiro. Era um homem muito entendido, não tinha curso nenhum mas era uma pessoa muito culta para a época. Usava as ervas para curar. Isso acredito eu. Ele fazia curas do arco da velha. Há uma erva que é como eu curo as minhas feridas. Tenho o "Betadine" do campo. Mas há muitas ervas em Chãs d'Égua. Eu é que não as conheço. E depois transmitiu ao filho, que o filho ficou igual a ele. Mas já morreram os dois.

Havia doenças que o médico para vir à aldeia tinha de vir a cavalo. E vinha de Avô, ou vinha de Coja. Eles vinham a cavalo, e então quando chegavam, às vezes, já estava morto. Porque a pessoa estava doente, mas não procurava o médico.

- "Ah isto passa, isto passa."

E esse indivíduo, é verdade que está confirmado que é verdade, que os ervanários curam. Demoram é muito tempo, não actuam logo. Enquanto a Medicina actua logo. Se eu tomar uma aspirina daqui a bocado as dores de cabeça passam. E se for tomar uma erva, um chá, é capaz de passar mas tem é dois ou três dias depois. Pode passar por ela mesma. E então ele conhecia as ervas.

Esse homem também esteve em África. E em África é de onde vêm as ervas para as ervanárias, normalmente. Eu conheço um ervanário na Piedade. Uma vez levei-lhe umas folhas, que é a salva, diz-me ele assim:

- "Onde é que você apanhou isso?"

- Apanhei na minha terra, só trouxe para você ver.

E diz-me ele assim:

- "Isto é que é a verdadeira salva. Esta é a verdadeira salva!"

Que a salva que ele já tinha é uma salva plantada e esta não, esta é selvagem. E ele disse:

- "Você não me arranja uns sacos disto?"

- Ó, amigo, isso não há lá em quantidade.

Mas antigamente havia muito disso. Hoje nem isso há em grandes quantidades. O barbeiro dava as mezinhas dele. Houve um indivíduo que foi

a um médico, que era um grande médico, o doutor Campos, que era de Avô. Também já morreu, tem lá o busto dele. Ficou muito conhecido aqui na zona, então esse tinha desenganado uma pessoa que ia morrer, e ele disse:

- "Então está bem, vamos lá ver o que é que vamos fazer".

Ele consegue lá arranjar a mezinha, conseguiu curá-lo e safá-lo da morte. Daí a uns tempos o médico vem a saber que ele não morreu. Depois:

- "Então o que é que aconteceu?"

Ele disse que quem o tinha curado tinha sido o Francisco do Piódão. Ele veio ter com ele e disse:

- "Você tem que me dizer o que é que você lhe deu, como é que você o curou."

E ele disse:

- "Não senhor. Isto são segredos meus."

Porque a Medicina não acredita na ervanária. E era a razão que ele explicou. Eu tenho a minha médica de família, e eu estou a tomar uma planta, parece uma cabaça. Ponho aquilo à noite numa coisa com água, de manhã meto-lhe um limão, e bebo. Aquilo é bom para o colesterol. O colesterol vai abaixo e a tensão e tudo. Mas eu não posso dizer isso à minha médica. Se eu lhe disser ela diz logo que eu sou um charlatão, que só ando metido com charlatães e já não me dá os medicamentos. E eu não. Eu já sei que ela é assim. Porque eles não acreditam naquilo.

Nós temos muitas ervas que curam. Temos a erva-cidreira, há muita. Também se planta agora. Temos o sabugueiro, que é bom para a constipação. Temos a flor da carqueja, que também é muito boa. Tínhamos a barba de milho, que era bom. Era cozida, depois bebia-se a água. A flor da carqueja dizem que faz bem às dores de cabeça. O "Betadine" do campo, arranco e esfrego logo na ferida. Sai o líquido do caule. Quase do fundo. A gente carrega lá do fundo e ela vem. E esfrega-se. Havia uma coisa também que era o lírio. O lírio, por exemplo, uma pessoa tinha um furúnculo, punha aquilo com um bocadinho de azeite em cima e aquilo rebentava. Cheguei eu a fazer. É real.

Lugar Chão e éguas

Nomes esquisitos

A aldeia chama-se Chãs d'Égua, porque dizem que era uma terra de éguas, que andavam a pastar. Mas não foi na nossa geração. Foi, na altura, em que isto

era habitado pelos Mouros e os Celtas. E depois andavam uns senhores a pastar umas éguas na Malhada e que passou um senhor e perguntou:

- "Ouçã lá como é que se chama isto aqui?"

E esses que responderam:

- "Ah não sei, não sei como é que isto se chama."

Diz ele assim:

- "Então olhe como vocês têm isto aqui, vêm pastar éguas e tem o chãõ, pús aqui Chãs d'Égua."

E ficou esse nome. Não sei se isso é verdade ou se é mentira. Isso é o que eu sei. Quando se falava numa terra, se as pessoas falavam mais do que uma vez, punham-lhe o nome assim. Eu sou de uma terra chamada Pés Escaldados. Eu fui à TVI, à 4, eu e mais dois, porque o Manuel Luís Goucha queria saber qual era a origem dos Pés Escaldados. Mas não era só dos Pés Escaldados, era de outras terras. Era nomes assim muito esquisitos. Era para rir. Então a história que lá contámos, que segundo disse ali um velhote foi um casal que foi viver para os Pés Escaldados, e tinha um miúdo pequenino. O miúdo ficou à lareira e quando a mãe chegou, ele estava a gritar, tinha queimado os pés. Meteu-os lá na borralha e queimou os pés. Depois, a partir daí começaram a dizer os Pés Escaldados, os Pés Escaldados, os Pés Escaldados... Isto foi o que a gente foi contar. Foi o que ouvi. Os nomes eram assim. Quando havia um acontecimento davam o nome às terras. Foi um fartote de rir. O programa foi todo baseado nisso.

Gostam de acolher

As pessoas de Chãs d'Égua são pessoas simples, acolhedoras, gostam muito de acolher. É a maneira de ser de Chãs d'Égua. As pessoas são assim. Dão o que têm. E do Piódão já não. E somos da mesma terra. São diferentes. Se virem alguém estranho, viram-lhe as costas. Se estiverem à janela, recolhem para dentro. Ainda é assim. Em Chãs d'Égua não. Totalmente diferente. A cultura era diferente. Mas foi sempre assim. Porque os do Piódão nunca gostaram da gente. Mas eu gosto do Piódão, que eu também vou lá e tenho lá amigos, também gosto do Piódão, não estou a dizer mal do Piódão. Mas havia assim uma rivalidade, que eles não gostavam de Chãs d'Égua, porque nós antigamente, tínhamos uma Comissão de Melhoramentos que era a Comissão de Melhoramentos do Piódão, isto foi antes de 1956. Mas quem fazia o trabalho todo da Comissão era o pessoal de Chãs d'Égua, porque Chãs d'Égua tinha mais pessoal e eram mais capazes. E nós começámos a pensar:

- "Nós é que estamos aqui, nós é que fazemos os trabalhos, nós é que dirigimos e estamos agregados. Não. Vamos formar uma comissão".

Formámos uma comissão. Foi então que surgiu a União Progressiva de Chãs d'Égua. Foi há 53 anos. Que eu sou fundador dessa União Progressiva de Chãs d'Égua. Recebemos aí uma prendazita. E então eles sempre tiveram essa rivalidade.

- "Ah, vocês agora não conseguem fazer nada porque nós aqui é que estamos inseridos no concelho".

Mas nós fomos sempre para a frente. Eles ali não se dedicam muito ao trabalho. Depois tiveram ali um contra. Consideraram a aldeia do Piódão, aldeia histórica, e então o que é que trouxe isso a eles? Trouxe a mais-valia para três ou quatro comerciantes. Que esses é que se estão a encher à conta daquilo. Que foi um arquitecto que esteve aí e que fez com que aquilo fosse aldeia histórica, e então eles a partir daí começaram a dizer:

- "Ah, temos agora uma aldeia histórica".

Mas a gente não quer. Nós até não estamos interessados. Eles estão virados para o turismo, mas o turismo é para quem? É para aqueles, só para aqueles. Os outros não estão. Eu estou farto de lhes dizer:

- Chãs d'Égua não está interessado no turismo, turismo do pé descalço.

É turismo do pé descalço porque só sujam. E há aquele turismo que vai que é só para roubar. Se lá aparecer um frasco de mel à mão eles levam. Se aparecer uma garrafa eles levam. Uma casinha eles metem na algibeira. É só para roubar. Não são todos. Não é bem assim. Agora chegavam a Chãs d'Égua e:

- Ah, eu venho aqui acampar.

Metiam aí uma tenda, num lado qualquer. Tem de haver regras. E Chãs d'Égua está atrasado nisso. Não há aqui ninguém que queira ganhar dinheiro à conta daquilo. São bem-vindos, a gente gosta, recebe-os, mas dentro de um limite. Não queremos cá pôr só porque são muitos. Não interessa.

"Um favor muito grande"

O correio de Chãs d'Égua ia para o Piódão. E depois do Piódão havia uma pessoa da aldeia que o ia buscar. Normalmente era um rapaz. O pai desse rapaz tomava conta do correio, como eram muitos filhos, havia um sempre que podia fazer esse trabalho. Era um favor muito grande que faziam àquela família, ter o correio na mão deles. Então iam lá buscar o correio ao Piódão e depois distribuíam, iam levar de porta a porta. Iam para as quintas levar o correio. Era assim todos os dias. Todos os dias havia correio. Ia para o Piódão todos os dias e vinha. Era um rapazinho. Ia a pé. E não havia estradas. Era uma terra muito isolada. Eu quando saí de Chãs d'Égua não tinha estradas, não tinha telefone, não tinha luz, não tinha água canalizada. Nem nada. Era uma terra para esquecer.

O cemitério, os cântaros e as bilhas

Antigamente não tínhamos cemitério. Levavam às costas o morto para o Piódão. Mas havia muita gente. Juntavam-se em grupos. Levavam quatro homens, levavam um bocado, quatro levavam outro bocado e era assim que lá chegavam.

Havia uma terra que é Malhada Chã, essa aí chegava no Inverno, quando morria lá alguém, ficava lá e só era enterrado quando a neve derrete-se. Lá na serra, para passarem para o outro lado. Que hoje eles também já têm cemitério. Agora temos um cemitério, que a primeira pessoa que foi para lá foi a minha avó. Em 1969. Foi inaugurado com a minha avó.

Os fontanários são de 1958. Depois, muito mais tarde, é que passou para as casas. As pessoas abasteciam-se de água nos fontanários. Temos quatro. Um era para beber os burros. Era uma coisa grande. Iam buscar a água para se abastecer em casa com cântaros. Era numa minazita ao fundo do moinho que as pessoas se abasteciam. Para beber. Para lavar as casas iam buscar ao ribeiro. Em cântaros e bilhas. Lavavam as casas, por exemplo, na Páscoa, quando era na altura da festa, lá para os meses de Agosto, era quando esfregavam as casas. Eram esfregadas com carqueja. Porque não havia escovas e era com sabão branco e azul. E a carqueja também servia para chamoscar o porco. Hoje é com maçarico.

A geada negra

Antigamente os Invernos eram mais rigorosos. Havia uma geada, que chamam hoje a geada negra. Que a pessoa passava por cima, levantava a terra, e parecia que ia a pisar castanhas.

A beber e a cantar

Na aldeia tínhamos uma tabernazita. Houve em tempos, mas isso vinha e depois fechava outra vez, uma casita que vendia panos e vendia até os cadernos para a escola. Mas aberta foi sempre a taberna. Era onde as pessoas se juntavam. A rapaziada nova. Juntavam-se ali, a beber uns copos, e depois aprendiam a tocar guitarra uns com os outros. E então faziam ali concertos de guitarra, de viola. Depois é claro havia alguns que até se embebedavam. Não havia mais nada.

"Pobrezinhos mas limpinhos!"

As roupas iam lavá-las para o ribeiro. Levavam para lá sabão, em cima de uma pedra, tráz tráz, esfregavam, punham-na a corar, depois tornavam a lavar. Se calhar era para sair melhor a sujidade. Como ela ficava ali a amolecer, depois sai melhor. A roupa andava sempre limpinha. A minha avó dizia assim:

- "Pobrezinhos mas limpinhos!"

Não queria ninguém sujo. A roupa, a trabalhar no campo, suja-se. Nunca pode andar limpo. Mas ela dizia:

- "Pobrezinhos mas limpinhos!"

"Havia compreensão"

Tínhamos os moinhos. Havia muitos moinhos, não sei dizer quantos mas havia muitos moinhos. E cada pessoa, em cada casa tinha peças. As peças são horas que as pessoas têm de moer. Por exemplo, um moinho podia servir para dez casas. E alguns moinhos, no Verão, tinham dificuldade em trabalhar porque não havia água. Era pouca água. E quando cortavam a água para regar já não moíam. Só moíam da estrada para cima. Da estrada para baixo, onde já havia terras, já não moía. Andavam de noite e de dia a moer, para haver farinha.

- "Ai ó primo, dispense-me aí um alqueire de farinha que depois quando eu moer dou-lhe."

Havia compreensão. Por exemplo, coziam a broa. Quando se cozia a broa, no forno comunitário, chegavam a cozer três pessoas ao mesmo tempo. Um punha um dedo, se eram dois punham dois dedos e o outro não punha nenhum. Eram três pessoas. A de dois dedos sabia que era minha, aquela de um dedo era de outra, e a que não tinha nada era de outra pessoa. A gente entendia-se assim. Porque o forno era grande. E mesmo assim chegávamos a cozer à volta de doze broas de cada vez. Cada virada. Para o aquecer, cada um punha um molho de lenha. Para não ser só um a gastar a lenha. Era assim que se vivia. Havia uma coisa muito boa. Havia entreajuda entre todos. Se a gente precisava de uma ferramenta havia um que emprestava, hoje já não é assim. Hoje as pessoas estão totalmente diferentes. Naquela altura, as pessoas eram mais saudáveis, não havia intrigas entre ninguém. Eu tenho saudades por um lado mas por outro não. Tenho saudades disso das pessoas se darem bem. Mas não tenho saudades do passado.

"Os maus contra os menos maus"

O João Brandão deixou fama nesta terra. O João Brandão tinha uma seita, depois havia outro que era os Cacas, e havia outro que era o Oliveira Matos, o Oliveirão. Esse Oliveirão mataram-no em Chãs d'Égua e enterraram-no na capela. Depois é que desacentaram e estava lá enterrado. Ainda deu um bocado de trabalho esse homem. Então havia esse tal, o João Brandão, esse tirava aos ricos para dar aos pobres. Os Cacas, esses passavam, roubavam tudo, chouriço, carne, as pessoas viviam mal, naquela altura. Alguma coisa que tinham para todo o ano, eles roubavam isso tudo. Punham os cavalos a comer dentro das arcas do milho. O milho que era para a sobrevivência das pessoas. Eram malandros. E depois havia sempre aquela luta entre uns e outros, os maus contra os menos maus. Iam ao vinho, bebiam o que queriam e depois deixavam a torneira aberta. Eram maus, era só para destruir. Houve uma ocasião esse Oliveirão armadilhou uma ponte, em Avô, que faz cruzamento, com quem vai para Pomares. Só que ele deita-lhe o fogo, aquilo tem um rastilho, e quando deita lume ao rastilho, quando lá chega a pólvora rebenta. Mas ele deita-lhe o lume e aquilo encrava. Quando eles iam a passar, a ponte ia pelo ar e eles iam-se todos embora. Isso é a história que me contaram. Já não é do meu tempo.

O lobisomem, um cavalo a galope

Antigamente diziam que quem tivesse mais de doze filhos que um era lobisomem. Isso é uma lenda. Eu não acredito nisso. E que esse lobisomem era uma pessoa que andava de noite, tipo cavalo, de quatro patas. E então fazia barulho. Aquele barulho, de cavalo a galope. Então que vinha do Piódão a Chãs d'Égua, ia a Malhada Chã, que durante a noite corria tudo. Depois transformavam-se em homens outra vez. Também diziam que havia bruxas, mas eu nunca acreditei nisso. Que as bruxas vinham de noite, ter com as pessoas. Que entravam no buraco da fechadura.

Quotidiano *Entre os biscates, a televisão e a leitura*

Eu vivo em Lisboa, na Cova da Piedade. Tenho lá o meu domicílio. É lá que eu estou. Mas venho para a minha aldeia em Abril e depois vou em Novembro. Nestes meses faço uns biscates para o pessoal. Um precisa de uma coisa vem ter comigo. Outro precisa de outra... Mas eu não ganho nada, eu até tenho prejuízo. Eu compro máquinas, às vezes, material, e alguns dão-me qualquer coisa. Por

exemplo, dão-me um garrafão de vinho, um dá-me uma garrafa de aguardente, outro dá-me uma garrafa de azeite e pagam-me assim. Não é que eu queira que eu não quero. Não quero nada disso. Estou aqui para me entreter, é a conclusão. Às vezes leio, tenho aí livros e leio. Tenho o "Jornal de Arganil", quando vou lá baixo compro sempre o "Correio da Manhã", que é o jornal que leio lá. À noite vejo televisão, é o meu passatempo. Aqui se não tiver nada, também não se está bem. Em Lisboa, a gente sai, hoje vai para aqui, amanhã vai para acolá. Vê pessoas, vê isto, e aqui não se vê nada.

Avaliação *Uma coisa gira*

Eu acho este projecto uma coisa gira. Eu tenho visto, às vezes, grandes reportagens a respeito daquilo que estão aqui a fazer. Só que são filmadas, televisão. E é mais ou menos isso que estão aqui a fazer. Eu acho bem. Se calhar, quando saírem daqui do Piódão, ficam mais ricos, de certeza absoluta. Eu hoje contei coisas que vão ficar com elas. Vão contar ao pai, à mãe, aos seus irmãos se tiver. E quando saírem do Piódão vão mais ricos. Mas é bom, é um bom trabalho.